

4. Análise e Discussão dos Resultados

“Maternidade para mim é uma coisa que eu não consigo ver o lado positivo, eu só consigo ver o lado negativo.” (Mary)

Ao investigar os sentimentos e as possíveis razões para que as entrevistadas tenham optado pela não maternidade, deparamo-nos com inúmeros fatores que, certamente, influenciaram essa escolha que vai de encontro à condição de ser mãe, que outrora esteve fatalmente associada ao casamento.

Do discurso das participantes emergiram as seguintes categorias de análise: *Experiências familiares e pessoais; A instituição maternidade; A espera do momento ideal; Estilo de vida; O casal e a escolha pela ausência de filhos; Preocupações com o futuro.*

4.1 Experiências Familiares e Pessoais

As experiências familiares e pessoais são, indiscutivelmente, fatores que influenciam o comportamento e a tomada de decisões de todo indivíduo, seja para sustentar algo considerado importante ou para romper com concepções que não se enquadram no próprio estilo de vida. Durante as entrevistas foi realizado um levantamento sobre as famílias, no intuito de conhecer sua configuração e averiguar qual tipo de influência poderia ter na escolha das participantes.

Todas as entrevistadas moraram com os pais na infância. Apenas uma não se recorda do pai, falecido quando ela tinha quatro anos de idade. As famílias de origem das entrevistadas eram tradicionais, sendo os homens provedores e as mulheres responsáveis pela casa e pelos filhos. Em dois casos, a mãe também trabalhava fora, mas, mesmo assim, o caráter tradicional da família foi preservado. Algumas passaram a trabalhar fora quando os filhos já estavam maiores e, em dois casos, após o falecimento do marido. O número de filhos variou. As famílias menores eram compostas por três filhos, enquanto a maior era constituída por dez.

No caso de Vivian, primogênita de nove irmãos, a mãe ajudava o pai na roça, enquanto ela cuidava dos irmãos. De madrugada, sempre que um irmão acordava querendo mamar, a mãe solicitava sua ajuda.

“Ela levantava de madrugada para esquentar o leite e ia me acordar. Ela não podia acordar papai porque ele trabalhava no pesado. Então eu ia tomar conta do bebezinho que estava chorando para ela fazer a comida. Eu nunca tive o sonho de casar e ter filhos. Eu já cuidei dos meus irmãos. Eu sempre cuidei de todos.” (Vivian)

Para Mary, que perdeu o pai aos quatro anos de idade, ver a mãe viúva, cuidando sozinha de cinco crianças, influenciou sua escolha pela não maternidade.

“Ela não trabalhava até meu pai morrer. Acho que ela ficava muito sobrecarregada sozinha e com cinco filhos. Eu sentia que ela se esforçava muito para dar tudo para a gente. Eu acho que talvez a minha decisão de não ter filhos esteja ligada justamente ao fato de ela ter sido mãe solteira. Ter filhos, nem pensar! Por que eu vou passar pelo que ela passou? Não quero. Prefiro estar sozinha.” (Mary)

É interessante observar que Mary já conta com viver a mesma experiência que a mãe quando diz que passaria pelo mesmo que ela passou. Também comenta que a mãe sempre a orientava a não ter filhos porque dava muito trabalho.

As experiências da infância de Tereza também influenciaram sua escolha.

“Eu não vou deixar ele passar pelas mesmas coisas que eu passei. Foi uma infância muito difícil. Eu me lembro da minha mãe dividindo um ovo para mim e para o meu irmão, e ela ficou sem comer nada. São coisas que marcam. Eu pensava: se amanhã eu tiver um emprego que não seja uma coisa sólida, se me mandarem embora, como é que eu faço com um filho?” (Tereza)

A mesma preocupação com a instabilidade financeira esteve presente em outros discursos. Para Maier (2008), essa é uma preocupação bastante fundamentada, visto que os gastos com o filho são bastante altos.

“Eu tenho que me sentir muito segura para construir em cima de um terreno sólido. Eu imagino que a maternidade seja um processo de doação do cacete. É um ser que sai de dentro de você, um pedaço de você, uma parte de você. Para o resto da vida você vai estar vinculada àquele ser. Eu tenho

que ter base, tenho que me sentir muito segura, e não acho que eu tenho esse terreno sólido.” (Cristina)

“Eu não tive filho, de certa forma, por uma condição financeira. Eu tenho medo do futuro. Eu tenho medo da instabilidade do futuro. Eu tinha muito medo de não ter condições financeiras para ter um filho.” (Sula)

As experiências do primeiro casamento de Marcela, cujo marido possuía dois filhos, foram importantes em sua decisão.

“A gente tinha um final de semana sim e um não. No fim de semana sim era uma vida, no fim de semana não era outra. Eu acho que essas coisas todas, no fundo, começaram a me fazer repensar essa história de ter filhos. Porque eu vivi isso, de ver o quanto que prende, o quanto que muda a vida. Não eram meus filhos, mas eu vivi isso de uma forma muito próxima e eu não sei se é essa vida que eu quero para mim.” (Marcela)

Além disso, problemas no casamento diminuíram a possibilidade de uma futura maternidade, tanto para Marcela, quanto para Tereza.

“Quando meu casamento entrou em crise no meio de 2002, que começou uma história de traições, automaticamente eu parei de pensar em filhos.” (Marcela)

“Num primeiro momento, eu até queria ter filhos com ele. Mas quando chegou um pedaço do casamento em que as coisas estavam muito ruins, eu mesma decidi não ter.” (Tereza)

As experiências vividas por essas mulheres representaram influências fortes e diretas para a escolha pela não maternidade, da mesma forma como possibilitaram a formação de projeções quanto à expectativa com a chegada de um filho. Uma das preocupações está relacionada ao casamento. Algumas entrevistadas acreditam que filhos podem interferir negativamente na relação do casal. Para Maier (2008), as prioridades acabam se voltando para a criança quando se tem filhos. O casal pode apresentar dificuldades em manter a identidade dos indivíduos envolvidos, que se tornam, exclusivamente, pai e mãe. Em seus estudos, a autora aponta que, para cada dois casais na cidade grande, um se

divorcia ou se separa. Esse rompimento ocorre mais comumente entre casais jovens, principalmente quando os filhos são bem pequenos – por volta de quatro anos de idade.

“Se tivesse filho, não sei se ainda estaria casada. Não sei se estaria com essa aparência descansada. Eu durmo a noite inteira, faço exercícios, saio na hora que quero, faço comida, mas, se quiser, também não faço. Mas se eu tivesse filhos, não. Eu estaria sempre ligada: tem que deixar comida, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Uma preocupação! Acho que você ganha três ou quatro rugas a mais, ou até um pouco mais. Mãe é para toda a vida. Agora, quando você não é, acho que você se dedica mais ao seu amado, seu marido. Você é mais completa. Eu acho que a criança separa um pouco o casal.” (Amanda)

“Eu acho que a própria relação do casal é melhor. Um filho estraga essa relação. Quando o casal se separa, só sobra para a mulher a parte chata.” (Sula)

“A gente mora em um lugar onde as pessoas têm um pensamento muito pequeno. A gente vive em um país de gente muito mal-educada. Então eu sei que ia viver estressada para cuidar de uma criança ou um adolescente.” (Marcela)

Outras falaram sobre a dificuldade que seria cuidar de uma criança, tanto em função dos gastos quanto de não ter uma estrutura de apoio que pudesse auxiliar no processo.

“Eu acho que seria complicado, porque é aquela coisa, vai deixar com quem? A criança fica doente, você para de trabalhar. Eu trabalho com serviço prestado, não tenho emprego fixo.” (Mary)

“Não tenho irmãs mulheres, são todos homens, quer dizer, eu não teria ninguém para me dar suporte. De falar assim: estou doida para comer uma pizza. Você pode ficar com o fulaninho para mim um instantinho? Não ia ter ninguém para eu fazer isso. Quer dizer, ia ser eu, e eu, e mais eu.” (Andreia)

“Eu ficava com medo. Será que eu ia dar conta de um bebezinho? Minha mãe era doente, minha sogra também. Ia depender só de mim e do meu marido. E eu ficava realmente com medo disso.” (Amanda)

“Uma mulher de classe média, para ser mãe, tem que ter muito instinto. Porque ela não tem grana para ela e para o filho. Ela vai optar pelo filho. E aí eu vejo a mulher se ferrando: vai engordando, vai se largando.” (Cristina)

“A vida muda muito. Eu tenho uma amiga que tem duas filhas. Ela engordou, não se cuida mais, não passeia mais, só faz aqueles programas com criança. A gente nunca mais teve tempo de conversar.” (Marcela)

Segundo Torelló (1987), as crianças, hoje, são excessivamente mimadas, gratificadas e acabam não lidando com as experiências reais da vida, o que pode favorecer a formação de indivíduos agressivos. Essa queixa foi feita por duas entrevistadas, ao comentarem como os adolescentes estão agressivos.

“Essas crianças de hoje são muito mal-educadas. Eu vejo a relação das mães e filhos hoje e eu fico apavorada! Os filhos de hoje falam com as mães como se falassem com um cachorro. São grossos! Parecem que não têm carinho, não têm amor.” (Ellen)

“Escutei uma filha de quatorze anos falar para a mãe: ‘Eu não quero nem saber. Estou dizendo para você que eu estou indo para lá e eu vou!’ Eu quebro essa garota na porrada! Eu quebro os dentes dela. Se falasse assim comigo, eu mandava embora e ela ia se sustentar. Alguma coisa está errada.” (Tereza)

Além dessas influências, é habitual que a família e os contatos sociais pressionem o casal para que tenha filhos. Park (2002) aponta que mulheres que optam pela não maternidade sofrem estereótipos e pressões sociais que podem alterar ou mesmo justificar sua escolha. A ausência de um bebê, muitas vezes, é percebida como consequência de um problema de saúde e mal vista quando se trata de uma escolha deliberada. Todas as entrevistadas afirmaram que se sentiram pressionadas – algumas mais pela família, outras mais pelos amigos.

“A vida é uma cobrança eterna. Primeiro, se você não casa falam: ‘Você não se casou por quê?’ Ai você casa e vem: ‘Não vai ter filhos? Ah! Não é possível!’ Depois que você tem filhos: ‘Não acredito que você vai ficar em um só.’” (Tereza)

Sula questiona-se se não deveria ter tido filhos. Não sabe até que ponto não teve coragem de assumir o papel de mãe ou em que medida prezava por sua liberdade. Ela acredita que esse questionamento está diretamente ligado às influências familiares.

“Eu não devia desejar essas coisas? A minha preocupação é se eu não estou muito teen, se eu não parei na adolescência. Eu não quero parecer uma velha retardada e também não quero me culpar por não ter filhos. A minha dúvida é se eu não fui mãe como todo mundo porque eu era livre ou se mais uma vez eu não peguei os papéis para assumir de verdade.” (Sula)

As histórias de Andreia e Amanda se assemelham. Andreia nunca quis ter filhos, mas começou a se indagar quando as pressões surgiram.

“Eu nunca tive vontade de ter filhos. Eu nunca tive paciência com criança. Eu acho bonitinho, mas daqui a meia hora eu entrego de volta. Eu comecei a me questionar: ‘Todo mundo quer ser mãe e você não?’ É estranho porque todo mundo olha como se você estivesse dizendo a maior barbaridade do mundo. Como que uma mulher diz que não quer ter um filho, que não tem vontade de ser mãe? Parece que você vai ser apedrejada, jogada na fogueira e queimada feito bruxa.” (Andreia)

Ela afirma que por várias vezes conversou com o marido sobre a possibilidade de engravidar por se sentir um peixe fora d’água, mas acabou apostando no que sentia – não querer filhos. Apenas aos quarenta e um anos de idade, quando realmente não podia mais engravidar, as pressões acabaram.

As mesmas pressões fizeram com que Amanda buscasse tratamentos para engravidar. Ela casou com vinte e seis anos de idade e não desejava ter filhos naquele momento, até que as pressões começaram. O casal tentou, fez todos os exames necessários para descobrir se havia algum problema, mas não conseguiu engravidar. De acordo com Park (2002), esse comportamento – a busca de um

problema biológico – é um tipo de estratégia para lidar com a identidade estigmatizada. Nenhum problema foi constatado, mas, preocupado com a idade de Amanda, o médico sugeriu uma inseminação artificial. Ela não aceitou, dizendo que, se tinha saúde, iria esperar, afinal, não estava com pressa. Amanda também não tomou os remédios indicados para induzir a ovulação. Quando perguntada a respeito do porquê de ter realizado todos os exames e um tratamento que não cumpriu, respondeu em um tom de voz mais baixo:

“As pessoas pressionavam. Eu acho que eu queria mostrar que eu podia ter filhos, que eu era uma pessoa normal. Eu dei uma satisfação para a sociedade.” (Amanda)

Mais tarde, buscou tratamento psicoterapêutico tentando elucidar o porquê de não querer filhos. Para Souza e Ferreira (2005), mulheres sem filhos podem perceber-se como “incapazes de atender integralmente às demandas para o desempenho dos papéis associados à sua condição de mulher” (p. 21).

4.2 A Instituição Maternidade

Durante o trabalho foi mostrado que o conceito atual de maternidade foi elaborado a partir de teorias que atendiam às demandas culturais, traçando um perfil do que seria uma boa mãe.

Para algumas entrevistadas, a maternidade é encarada como um dever, um sacrifício ou até mesmo um fardo. Enquanto umas não se sentem prontas para assumir essa tarefa, outras simplesmente não querem assumi-la. Para Rocha-Coutinho (2009), as responsabilidades exigidas pela maternidade acabam sendo priorizadas, inclusive sobre questões que podem ser muito importantes para a mulher, como o trabalho.

“Eu acho que é uma dedicação muito intensa e que eu não sei se eu teria. Eu também sou muito metódica e, se eu fosse mãe, eu acho que eu seria muito dedicada e largaria outras coisas que para mim são muito importantes.” (Andreia)

“Maternidade é essa coisa de você se doar muito, se anular em algumas coisas, passar as noites em claro em várias etapas da sua vida, não só quando é bebê, mas quando vira adolescente e adulto. Eu não quero ter alguém dependendo de mim para sempre.” (Mary)

Para Amanda, a dedicação de uma mulher que tem filhos precisa ser total e durar, pelo menos, dois anos. Para Vivian e Ellen a boa mãe é aquela que faz tudo para os filhos.

“Mãezona é aquela que faz todos os gostos do filho. Minha mãe era assim.” (Vivian)

“Você tem que cuidar daquela criança. Dar carinho realmente. Dar tudo o que ela quer.” (Ellen)

Tereza tem um sobrinho que agradece por ela ser a tia e não a mãe. Ela acredita que seria muito dura com a criança – “neurótica”. Sula define o que seria a boa mãe como: a mãe comum – “protetora demais, grudenta demais, medrosa demais.” Ela acredita que esse tipo de cuidado beira a falta de respeito para com o indivíduo.

“Uma boa mãe é aquela que te torna independente, que te dá autonomia, que te dá liberdade. Para mim, nem a maternidade nem o casamento podiam ser o que são. A relação tem que ser divertida, gostosa e leve. A impressão que eu tenho é que, para todo mundo, se não for pesada, chata e rançosa, então você não é normal. Eu que sou a anormal porque não quero ter isso para mim.” (Sula)

No entanto, ela não acredita que se tivesse filhos seria capaz de ser a boa mãe que almeja, mantendo uma relação padronizada de maternidade.

“Talvez eu até não tenha sido mãe por achar que eu não conseguiria fazer o que eu acredito que seja mais interessante. A maternidade teria que ser uma coisa leve, agradável, prazerosa, independente e livre. E o problema é que não é tão simples você criar uma pessoa com essas condições. Acho que eu mostraria minha incompetência nisso.” (Sula)

Para duas entrevistadas os sentimentos investidos na maternidade podem ser desviados para outras direções.

“A nossa vida não dá frutos só por ter filhos. Não é assim que a gente cria, que a gente concebe, que a gente continua. Tem muitas coisas que a gente pode fazer que deixam a gente realizado. Todo mundo, no fundo, quer se sentir realizado, seja tendo filho, seja no seu trabalho ou com sua vida profissional. São formas das coisas acontecerem.” (Marcela)

“Você pode canalizar a sua energia – que é uma energia de criação – tendo filhos, ou você pode levar essa energia para outras coisas em sua vida.” (Soraya)

Para Soraya o amor materno é um instinto, no entanto, defende que a mulher precisa identificar o porquê de sua vontade de ser mãe, assim como aprender a suprir as necessidades de uma criança. Para ela, isso não deve acontecer por meio de um manual teórico de instruções, mas pela identificação de suas próprias sensações, tendo uma consciência sensorial das demandas do bebê. Para Torelló (1987) a aceitação de gerar um filho não resulta apenas de um mecanismo biológico, nem de uma decisão voluntária.

“Eu vejo o bebê como uma potência enorme, mas eu vejo muito poucas pessoas preparadas para serem mães.” (Soraya)

Com relação ao instinto materno, não foi possível concluir se havia a crença ou não acerca de sua existência, visto que as opiniões foram divergentes. Como apontam Rocha-Coutinho e Barbosa (2007), mesmo que essa ideia já tenha sido rejeitada, ela ainda permanece presente no imaginário social.

“Eu acho que isso surge quando você tem um filho. Eu digo a você que eu não tenho paciência com criança, eu nunca tive, mas eu acho que, se eu tivesse o meu, isso naturalmente brotaria em mim.” (Andreia)

“Não sei. Eu acho até que sim, porque tem umas mulheres que não têm nenhum jeito para mãe e de repente viram a maior mãezona da paróquia, mas eu não sei se é instinto.” (Mary)

Contudo, algumas entrevistadas mostraram sua descrença quanto ao instinto do amor materno.

“Eu não acho que toda mulher tem amor materno. Tem muitas mães por aí que claramente não têm amor materno. Tem filho eu não sei nem por quê.”
(Vivian)

“Não. Faz parte da sociedade a cobrança.” (Ellen)

“Eu acho que nem toda mulher devia ser mãe. Eu não vejo empenho dentro delas. Eu não sei se por não terem instinto ou por experiências anteriores que ferraram com a cabeça delas.” (Cristina)

4.3 A Espera do Momento Ideal

Atualmente, tornou-se comum o adiamento da maternidade, em função da carreira profissional ou do investimento em outros projetos de vida. Muitas mulheres parecem desconsiderar que existe um tempo hábil para que possam engravidar do primeiro filho sem gerar consequências para elas mesmas ou para o bebê – até os 35 anos de idade. Em alguns casos, essa prorrogação dura tanto tempo que a maternidade torna-se inviável, podendo causar sofrimento à mulher. Para outras, o avanço da idade ou a chegada da menopausa são justificativas plausíveis para não engravidar. Normalmente, as mulheres conhecem esse prazo; o que ocorre é que muitas enfrentam ambivalência quanto à gravidez, o que pode estar associado a alguns fatores, como a vinculação da feminilidade à maternidade, as pressões sociais e a manutenção de seu estilo de vida – algo que será discutido à parte.

“O pessoal está cobrando. Será que eu quero? Eu acho que eu quero. A gente sempre fica na dúvida. Será que eu quero porque todo mundo quer?”
(Amanda)

Entre as entrevistadas, algumas desejaram ser mães em um dado momento da vida, mas mudaram de opinião com o tempo.

“Quando a gente namorava nunca falamos sobre essa questão de ter filhos. Depois que nos unimos um dia eu comentei que estava doida para ser mãe e ele me disse que não queria ser pai. Eu olhei para ele e falei: ‘Eu vou ser mãe com você, sem você, apesar de você, eu vou ser mãe.’ Mas o que aconteceu é que eu comecei a me desenvolver profissionalmente e, na medida em que eu comecei a fazer dinheiro, eu optei pela minha independência.” (Cristina)

“A maternidade é uma coisa que você tem que pensar muito. Eu acho que se eu tivesse engravidado eu ia curtir, mas sem saber para onde eu estava indo. Deus nesse ponto foi muito bom, porque me deu tempo de refletir e decidir não querer filhos. Quer dizer, querer e não engravidar.” (Amanda)

Essa fala de Amanda talvez seja a que melhor retrata sua ambivalência quanto à gravidez. Ela não queria filhos, mas sentia-se mal com as pressões do meio e, por isso, tentou engravidar, embora deixe claro, em todo o seu discurso, que não tomou, efetivamente, nenhuma providência para facilitar que isso acontecesse. Tereza, enquanto casada, também pensou em ser mãe, mas problemas no casamento fizeram com que ela desistisse da ideia. Hoje ela argumenta que não se arrepende de não ter tido filhos e que se sente muito bem com a escolha.

A ambivalência quanto a ter ou não filhos nem sempre representa sofrimento. É o caso de Marcela e o marido.

“Tem um lado dele que tem vontade, assim como tem até um lado meu que tem uma vontadezinha – porque eu acho que a gente nunca é uma coisa única –, mas a minha vontade de ter não é maior que a minha vontade de não ter. Esse é um assunto que a gente já conversou bastante e os dois querem assim.” (Marcela)

Três participantes chegaram a engravidar uma vez, mas interromperam a gravidez por meio de aborto. Em todos os casos, argumentaram que eram jovens demais para ser mães.

“Eu já fiquei grávida uma vez. Com meu ex-marido, antes de a gente casar. A gente tomava cuidado, mas eu não tomava pílula. Eu engravidei, descobri

muito cedo e fiz um aborto. Por um tempo eu fiquei meio mexida com aquela história, mas eu não me arrependi. Eu estava com vinte anos na época.”
(Marcela)

“Aos vinte anos eu engravidei. Eu estava na faculdade ainda, quase me formando. E eu falei: ‘Eu não vou ter filho agora porque eu estou para terminar a faculdade e vou entrar para um internato. Como é que eu vou ter filho nessa altura do campeonato? Não dá!’ Foi a decisão que eu tomei na época.” (Andreia)

“Eu engravidei muito jovem, de uma maneira louca, sem pensar muito. Depois eu pensei: ‘Caraca, eu não posso ter isso! Como é que eu vou fazer?’ Eu tinha dezoito anos quando isso aconteceu.” (Tereza)

Outras três argumentaram que vivem a maternidade de outras maneiras.

“Acho que mãe, de certa forma, eu já sou de muitos! Das minhas sobrinhas eu não tenho a menor dúvida; do meu marido, o que não deixa de ser um papel maternal, completamente maternal e ainda tem a minha equipe de trabalho.” (Sula)

“Eu dou aula para crianças e acho que meu lado maternal já é muito exercitado nesse momento.” (Mary)

“Eu já tenho muitos filhos. Eu criei muitos filhos. A minha barriga cresce várias vezes e eu me impregno várias vezes. Eu vivo a gravidez muitas vezes no mundo, a experiência de estar grávida. Eu não preciso representar isso.”
(Soraya)

Ao fazer a escolha pela não maternidade, algumas atribuíram, como um aspecto negativo, o fato de não experienciarem essa vivência – mesmo que todas tenham se definindo como satisfeitas com sua escolha.

“Eu acho que a maternidade te propicia entrar em contato com emoções que, não sendo mãe, eu não vou vivenciar.” (Cristina)

“Eu acho que o lado negativo é perder a oportunidade de ser mãe, de ter essa experiência, de formar uma família maior. Na verdade, se eu estou

casada já é uma família, mas eu falo no sentido de fazer essa família crescer. Tem gente que fala: 'Você pode se arrepender um dia.' Não sei, talvez. Mas, e quem é mãe? Não pode se arrepender de ter tido? Nos dois sentidos, as decisões são irreversíveis. Não sou eu quem pode se arrepender. Quem é mãe pode se arrepender; e pior ainda, com culpa." (Marcela)

"Talvez eu pudesse ter vivido uma experiência muito diferente na minha vida de tudo o que eu já tenha conhecido até hoje, mas o aspecto positivo é que eu sei que fiz a escolha certa." (Tereza)

Assim como Tereza, todas as entrevistadas, independentemente das razões, se mostraram satisfeitas por não serem mães, mesmo que a ambivalência tenha feito parte de algum momento de suas vidas.

4.4 Estilo de Vida

A ideia de que a maternidade é o único meio para que uma mulher se realize plenamente vem perdendo força. Há pouco mais de cinquenta anos, o sexo feminino apoderou-se da possibilidade de desejar e concretizar seus ideais. A mulher, por tanto tempo reprimida, foi autorizada a fazer o que bem entendesse para se realizar pessoalmente. A maternidade, então, passou a ser encarada como um complicador para aquelas que escolhem dedicar-se à carreira profissional ou que possuem uma forma de vida na qual a presença de filhos dificultaria ou impossibilitaria essa continuidade.

Tereza se sente responsável por alguns compromissos, como os cuidados com a mãe – que apresenta saúde frágil – e a ajuda financeira para manter o sobrinho.

"Eu sempre cuidei da minha família. Aos treze anos, eu fazia faxina na casa de parentes para ajudar em casa. Aos quinze, eu entrei no salão de uma madrinha para aprender a fazer unha e me tornar manicure. Aos dezessete, eu trabalhei no meu primeiro escritório no Centro da cidade. Com o primeiro salário que recebi, troquei o carpete da casa que era horrível. Com o segundo salário comprei uma televisão bem pequenininha. Apesar de não ter filhos o meu compromisso em casa sempre foi muito grande." (Tereza)

“Eu pago, hoje, o plano médico dele, além do seguro do carro e do INSS. São três coisas, na minha opinião, que ele precisa ter para tocar a vida, sem precisar desembolsar isso, na ausência do pai.” (Tereza)

A preocupação com a instabilidade do futuro e de não poder arcar com suas tarefas, foi um dos fatores que, em um primeiro momento, fez com que ela não tivesse filhos. Para Hagestad e Call (2007), a opção de não ter filhos pode resultar de escolhas pessoais e decisões conscientes, ou de circunstâncias que vão além do controle do indivíduo.

“Em um dado momento eu tomei a decisão: ‘Não vou querer ter filhos.’ Para isso eu teria que abrir mão de muitas coisas. Não coisas materiais, mas e se minha mãe não estiver bem de saúde? Como é que eu faço? Eu não sou funcionária pública, eu não tenho herança de família, eu não tenho nada. Como eu posso colocar uma criança no mundo? Só depois que eu comecei a perceber que eu não tinha afinidade com a ideia de ter filhos.” (Tereza)

No entanto, o trabalho também foi um fator que muito influenciou Tereza.

“Eu não chego a ser uma workaholic, mas eu gosto muito de trabalhar. Eu sou uma pessoa aposentada, porque eu comecei a trabalhar cedo, mas eu não consigo me imaginar sem ter esse compromisso. Eu acho que se eu tivesse que abrir mão disso, eu teria que amar muito. E eu acho que eu já vivo essa experiência – eu amo o meu trabalho.” (Tereza)

Decerto que os filhos podem significar completude para algumas mulheres, porém, não há dúvida de que implicam mudanças no estilo de vida, exigindo das mães uma série de responsabilidades. (ROCHA-COUTINHO, 2009).

“Eu tenho outros projetos. Eu mal dou conta da minha vida, mal dou conta de entender o que acontece comigo. Você tem que ter disponibilidade. Eu acho que essa coisa de ter filhos e continuar a vida normalmente é sacanagem. Não é que você tenha que sair da sua vida, mas tem uma dedicação que você tem que dar. Você abdica de coisas.” (Soraya)

Nove entrevistadas associaram a falta de desejo de ser mãe com a escolha da manutenção da liberdade, a carreira profissional e o estilo de vida acelerado. Para Marcela, filhos são uma impossibilidade diante do seu modo de vida.

“A gente tem muita consciência que não tem tempo, de que a gente tem muitos planos e muitos projetos de longo prazo. Eu não desligo, eu trabalho o tempo todo. Eu saio do trabalho e tem a dança. Eu passei agora, um mês e meio viajando para um festival. A gente foi estudar e agora está produzindo eventos. É muita coisa! É ensaio é dar aula, são os eventos e o meu trabalho. A gente já pensou em ter um cachorro, mas descobriu que não dava. Se não dá para ter um cachorro, quanto mais um filho!” (Marcela)

“A gente vive priorizando e deixando coisas de lado o tempo todo. Já tem muitas coisas que eu tenho que deixar de lado porque eu não dou conta. Hoje o tempo é uma questão na minha vida. Como é que eu faço para ter tempo? Do que eu desisto? Eu tenho muitos projetos que não têm nada a ver com o meu trabalho atual. Tem muita coisa que eu faço e que não quero abrir mão para ter um filho.” (Marcela)

Segundo pesquisa realizada por McQuillan, Greil, Shreffler & Tichenor (2008), muitas mulheres veem a maternidade como um empecilho ao sucesso profissional. Para Hagestad e Call (2007), a ausência de filhos e, conseqüentemente, a maior dedicação ao trabalho aumentam as chances de que as mulheres tenham melhores oportunidades de carreira. Embora nenhuma das entrevistadas tenha comentado sobre uma possível promoção ou ocupação de melhores cargos em função do devotamento ao trabalho, é possível notar o quanto a profissão é importante em suas vidas.

“Eu sei o quanto a minha empresa quer de mim e sei o quanto um filho exigiria. Eu não sou uma workaholic, mas eu gosto muito do meu lado profissional.” (Sula)

“Eu sempre fui muito independente. Sempre fiz minhas coisas, sempre quis trabalhar, sempre quis ganhar dinheiro. Eu trabalho com vendas, com cosméticos, com os Vigilantes do Peso, sou personal trainer, então quer dizer, são trabalhos que dependem de mim. Se eu não estou presente, eu não ganho.” (Mary)

“Eu tenho que me aposentar e não quero. Eu tenho que arranjar alguma coisa para eu fazer. Fazer tricô eu não vou, já avisei! Não adianta que eu não nasci para ser dona de casa. Eu não consigo.” (Ellen)

Para Vivian, não depender financeiramente do marido é uma prioridade em sua vida. Ele dizia que não queria filhos, mas que, se isso fosse importante, tudo bem, contanto que ela parasse de trabalhar para cuidar das crianças.

“Eu não vou ter filhos porque eu não vou deixar de trabalhar para ficar dependendo de marido. Não vou mesmo!” (Vivian)

Conciliar o trabalho e os cuidados com os filhos é, sem dúvida, uma tarefa um tanto quanto árdua. Os estudos de Rocha-Coutinho (2003, 2009) revelam que, muitas vezes, as mulheres optam por fazer ajustes na vida profissional, gerando mais tempo para se dedicarem aos filhos. Embora tenha escolhido a não maternidade, Sula fala de um projeto que, para ela, seria uma maneira de harmonizar essa dupla jornada de trabalho.

“Eu não deixaria de trabalhar, isso é um fato! Eu não pararia tudo o que eu faço para me dedicar a um filho. Eu trabalho para não ficar refém. Meu trabalho me suga muito, então ter um filho, trabalhando na minha empresa, seria complicado. Mas eu gostaria de ter um negócio próprio, porque aí eu conseguiria conciliar com a família.” (Sula)

No entanto, o maior motivo para que as participantes abrissem mão da maternidade foi a possibilidade de se manterem livres para fazer o que bem desejassem. A felicidade individual e o anseio por liberdade de nossas entrevistadas parecem fazer frente ao ideal de maternidade presente no imaginário social – que pode ser encontrado em pesquisas nacionais e internacionais, como os trabalhos de Mohler, 2005; Gillespie, 2007; Rios & Gomes, 2009a, entre outros.

“O grande ganho de não ter filhos é ter uma liberdade que eu amo. Amo! Eu trabalho até a hora que eu quero, eu faço os cursos que eu quero, eu tenho dinheiro para gastar comigo no que eu quiser e ainda sobra para eu economizar. Cara, é uma liberdade deliciosa!” (Cristina)

“A gente viaja, sai. Viaja pouco, porque ele não é muito de sair. Mas o pouco que a gente faz é tranquilo. Sem preocupação nenhuma de com quem deixar a criança, de não poder sair, não tem essa preocupação.” (Vivian)

“Eu tenho a minha independência. Posso cuidar melhor de mim, posso estar em casa sem querer falar com ninguém. Eu gosto de fazer compras, cuidar da casa, só que para mim. As pessoas precisam cuidar de si. A vida é muito boa e as pessoas fazem dela um fardo. Eu estou tão feliz do jeito que eu estou. Se eu tivesse um filho eu acho que eu estaria preocupada com ele e talvez eu não tivesse a autoestima que eu tenho.” (Mary)

“Eu sempre quis ter a liberdade de ir e vir e talvez um filho me tirasse essa liberdade. O meu trabalho é suficiente para sustentar o padrão de liberdade que tenho hoje. A liberdade não é ter muito dinheiro. A liberdade é ter condições de fazer as coisas que eu gosto. Eu sou muito aventureira, eu sou esportista e eu fiz pouco do que eu gosto de fazer de verdade. Eu gosto de andar de moto. Moto não cabe criança.” (Sula)

Quando casou e veio para o Rio, Ellen não quis ter filhos para aproveitar a Cidade Maravilhosa. Hoje ela se sente tranquila com a escolha que fez.

“No início eu era jovem e queria aproveitar. Eu vinha do interior, do mato, e achava o Rio lindo. Tudo era belo, era o máximo. Eu tinha liberdade, tinha tudo na mão. [...]” (Ellen)

“Eu tenho a liberdade de poder sair e não ter aquele compromisso de ter que pedir para alguém ficar com eles. Eu não fico preocupada de madrugada porque ele não voltou e não avisou, eu não passo a noite inteira na janela, desesperada.” (Ellen)

Para algumas mulheres, o papel de mãe não se encaixa em sua autoimagem ou programação. Amanda viveu a infância e adolescência cercada de homens machistas. Ela não tinha liberdade para nada e era constantemente pressionada para arrumar um marido. Quando casou, encontrou a liberdade com que sempre sonhou. Em função disso, acredita que não querer filhos é sinal de egoísmo, opinião compartilhada por Sula.

“Eu estava bem em casa. Eu tinha tudo o que eu queria. Eu queria viajar. Tem gente que viaja com criança, mas é mais uma pessoa para dividir – acho que isso é egoísmo da minha parte.” (Amanda)

“Meu marido não tem muito dinheiro. Talvez a minha conta só dê para nós dois, para viver no conforto que eu vivo hoje. Eu preciso abrir mão do marido para ter um filho. Se eu for muito egoísta, eu vou acabar perdendo a minha liberdade.” (Sula)

4.5 O Casal e a Escolha pela Ausência de Filhos

No final do século XX acompanhamos a formação de novos arranjos familiares, cujos vínculos estão atrelados, primeiramente, à relação amorosa entre os parceiros, e não mais à formação de uma família na qual os filhos estejam presentes (RIOS & GOMES, 2009a).

“Ele se casou para estar comigo e não pelo sonho de uma família.” (Soraya)

Nossa pesquisa confirmou que, para algumas participantes, a escolha de não ter filhos está associada à satisfação pessoal, citada anteriormente, e/ou conjugal, como apontaram Rios & Gomes, 2009b.

“Meu marido é o cara com quem eu quero envelhecer. A gente tem tudo a ver. Eu danço como eu quero, eu me divirto, eu falo alto, no tom que eu quero. Eu grito com ele quando é preciso e a gente fala manso quando precisa. A parte sexual é maravilhosa! A relação do casal é melhor. Eu acho que um filho estraga essa relação.” (Sula)

“O casal fica mais unido. Eu acho que a criança separa um pouco os dois.” (Amanda)

Cristina e o marido, depois de uma breve separação, reataram o casamento, mas decidiram que não morariam juntos novamente. Ela diz que a relação mudou: está mais saudável e muito feliz. Para ela foi uma forma de se poupar, preservando seus costumes e sua individualidade. Ainda que ele algumas vezes

sugira que voltem a dividir o mesmo apartamento, ela não aceita. Mesmo afirmando que são companheiros um do outro, ela defende que, para que a relação dê certo, precisa conservar sua independência, o que não seria possível com filhos.

“Ter filhos com meu marido seria muito complicado e eu estou optando estar com ele. Ele é um homem que permite que a minha missão, que o meu desejo de andar com as próprias pernas seja realizado.” (Cristina)

Pela a análise do discurso das entrevistadas, observou-se que, de modo geral, a relação do casal – a participante e seu companheiro – é baseada em liberdade, cumplicidade e companheirismo. Sete ainda estão no relacionamento, mas, das três que já se separaram, apenas Tereza definiu o casamento como ruim. Para as outras, o casamento traz grande satisfação pessoal.

“Marido? Essa palavra não faz mais parte do meu dicionário. Eu fui muito infeliz durante esse tempo inteiro” (Tereza)

“A minha relação com o meu marido é muito boa. É ótima! Tem quem fale que depois que a gente morre, a gente volta. Eu falo sinceramente a você, se eu voltar e encontrar com ele, eu caso com ele de novo.” (Vivian)

“A gente sempre teve um relação de muita cumplicidade, de muita amizade. É uma relação que a gente conversa sobre muita coisa. É uma relação muito aberta – ele é meu amigo e eu sou amiga dele. Ele me dá muita liberdade de fazer as coisas que eu quero fazer. Se eu quero sair com as minhas amigas, se eu quero tomar um chope, ele me apoia e fica em casa na boa. Não é aquele cara que pensa: ‘Vou deixar ela ir, pra depois eu ter uma brecha de sair também.’ Eu vejo que é sincero isso, que não o incomoda.” (Andreia)

“Viajei muito sozinha e com as amigas. Ele não tinha essas coisas de me prender. Às vezes eu chegava a me sentir solteira.” (Amanda)

“Meu casamento é de total liberdade. Eu tenho liberdade de sair, viajar, de ir aonde eu quero. Ele não me cobra pelas roupas que eu uso, o jeito que uso, nada! Aqui em casa não tem cobrança para nada!” (Ellen)

Quando se trata da escolha de ter ou não filhos, seguramente, é importante considerar a opinião do casal. Enquanto a ausência de filhos era uma condição clara para o marido de Vivian, o esposo de Amanda a deixava à vontade para decidir.

“Quando eu conheci o meu marido, a gente ficou namorando seis meses. Ele me disse: ‘Eu gosto muito de você, vamos casar. Mas tem duas coisas: eu não posso abandonar a minha mãe e não quero ter filhos.’ Eu falei para ele assim: ‘Ainda bem que você apareceu, porque você não faz questão, nem eu.’” (Vivian)

“Ele dizia que, se eu quisesse, iria aceitar. Ele estava me dizendo assim: ‘Fica à vontade.’ Mas, no fundo no fundo, eu acho que ele não queria”.
(Amanda)

Normalmente, as mulheres assumem a liderança no momento da decisão (RIOS & GOMES, 2009a; GILLESPIE, 2003). Para Rios e Gomes, essa atitude está relacionada a uma visão tradicional de família, que vê a mulher como a única responsável pelos cuidados da casa e dos filhos.

“Desde que eu me entendo por gente, na faixa de dezesseis, dezessete anos, que eu falo que eu não quero ter filhos. Em todos os relacionamentos que eu tive eu coloquei isso muito claramente.” (Mary)

“Fizemos a escolha por não ter filhos. Minha escolha, não dele; porque ele queria.” (Ellen)

“Eu tinha uma escolha praticamente fechada quando a gente começou a namorar. Eu acho que, no início, ele tinha vontade de ter. Logo no início rolou uma conversa estranha, do tipo: ‘Você pretende ser mãe?’ Eu respondi que não e senti a frustração dele com a minha resposta.”
(Marcela)

“Enquanto estava comigo, ele topava eu não querer ter filhos. Ele também não queria, ficava sempre irritado com criança.” (Soraya)

No caso de Cristina, quando o marido disse que não queria ter filhos, ela respondeu que teria independentemente dele. A relação se manteve, e, com o passar o tempo, ela acabou optando por sua liberdade.

Conforme o capítulo anterior, por mais que os homens estejam também participando da vida doméstica e do cuidado com os filhos, a função ainda é vista como um papel da mulher (ROCHA-COUTINHO, 2003, 2009; JABLONSKI, 2007), o que pode ser percebido no caso de Andreia.

“Foi uma decisão muito conversada e muito pensada. Um belo dia eu disse: ‘Escuta aqui, quando é que a gente vai ter filhos? Porque todo mundo pergunta, então vamos logo resolver essa história.’ E ele me disse: ‘Olha, eu acho que isso é uma decisão sua. Quem vai carregar essa criança por nove meses é você, quem vai cuidar dessa criança é você, então eu acho que isso deve ser uma decisão sua. Na hora que você achar que está pronta para isso, será o momento da gente ter esse filho. Eu não posso te impor um filho porque eu quero um filho, mas também não vamos ter um filho porque fica todo mundo perguntando quando é que a gente vai ter.’” (Andreia)

4.6 Preocupações com o Futuro

Estudos têm mostrado que entre as causas para a escolha da maternidade estão a possibilidade de dar continuidade à família e a garantia de suporte quando a pessoa estiver em idade avançada (SCAVONE, 2001b; MANSUR, 2003; ROWLAND, 2007; KOROPECKYJ-COX, 2007; MCQUILLAN *et al.*, 2008). Esses dois argumentos podem aparecer em forma de preocupação quando se trata de mulheres que optaram pela não maternidade. Em nossa pesquisa, sete participantes citaram esses fatores em algum momento da entrevista. Em alguns casos, o receio se apresentou depois de serem questionadas a respeito de como fariam na velhice, sem ter nenhum suporte familiar.

“Me fizeram uma série de cobranças. Eu fui respondendo e passando por elas, às vezes de uma forma mais sofrida e outras vezes menos sofrida. Até que algumas amigas muito íntimas falaram: ‘Ninguém vai cuidar de você na velhice.’ Mas, espera um pouquinho, quem me assegura que um filho vai cuidar de mim? Eu conheço ‘n’ pessoas que os filhos não estão nem aí, pelo contrário, só trazem sofrimento.” (Tereza)

“A cobrança eles fazem sempre: ‘Quando você envelhecer, quem vai tomar conta de você?’ Como se os filhos fossem tomar conta de alguém. Na verdade, a maioria não vai, ou vai enquanto você ainda está lúcida. Depois te colocam numa casa de repouso.” (Ellen)

“Eu tenho uma amiga minha que diz: ‘Você já pensou na sua velhice? Você não vai ter ninguém!’ Tem muitos filhos que tomam conta dos pais, mas tem outros que não estão nem aí. Estão jogados num asilo, os filhos não vão nem visitar. Então você acaba contando com a sorte.” (Vivian)

Vale destacar que, nos casos de Tereza e Ellen, ambas possuem um ótimo relacionamento com a mãe. Enquanto Tereza cuida da mãe e se preocupa em lhe dar todo conforto possível, Ellen viaja todo o final de semana para ficar com a sua. A dedicação não as impede de considerar que um filho não seja garantia de cuidados ou suporte. Para os pesquisadores norte-americanos Mcquillan *et al.* (2008) e Koropecykj-Cox (2007), a maternidade é também muito valorizada em função dessas duas recompensas, o que não coincide com o pensamento de nossas participantes.

Para outras entrevistadas a preocupação com a velhice é pessoal.

“Eu perguntei ao meu marido: ‘E quando a gente ficar velho, quem vai ficar com a gente?’ Porque pintam essas inseguranças. Ele virou para mim e disse: ‘Quem disse que filho cuida de pai e de mãe? Quem disse que é uma garantia, quando você ficar velha, que seu filho ou filha vai cuidar de você?’ Ele tinha razão.” (Andreia)

“Sabe aquelas coisas que você ouve: ‘Quando você ficar velhinha não vai ter ninguém que cuide de você’? Às vezes passa isso pela cabeça, mas eu comecei a perceber – porque eu convivo com pessoas de faixas etárias diferentes – que, se você não tem filhos, você passa a se organizar para ter bons amigos ao seu redor, para segurar sua onda quando você envelhecer. Se meu irmão não for na minha frente, ele é um homem que vai cuidar de mim e o meu marido também vai cuidar de mim. Ter filhos realmente não é garantia de nada, mas dá esses medos. Você pode ter um filho e não ter uma boa relação. Eu penso assim: eu vou ter uma grana legal para ter uma boa empregada que cuide de mim com muito carinho. Mas quem vai cuidar de mim é uma questão que no fundinho bate.” (Cristina)

Assim como Tereza e Ellen, Andreia e Cristina não acreditam que a maternidade traga segurança para o futuro. No entanto, Cristina busca saídas para amenizar o seu medo – uma boa condição financeira, amigos e outros membros familiares. Segundo Mansur (2003), os laços criados podem representar a segurança necessária para atravessar os momentos difíceis comuns na velhice. As organizações que estão sendo criadas para casais sem filhos talvez sejam uma forma de assegurar contatos com pessoas que vivem a mesma experiência e que, no futuro, possam se ajudar.

Para Marcela, o futuro é uma responsabilidade que lhe pertence. Ela não admite que uma mulher tenha filhos projetando ser amparada na velhice. De acordo com a pesquisa de Vieira (2010), é muito difícil para uma mulher assentir que a maternidade pode acontecer pela simples expectativa de cuidados futuros.

“Eu acho que tem uma coisa bonita de querer construir uma família, mas tem também um lado que por mais que as pessoas não admitam passa: ‘Quando eu ficar mais velha, vou estar sozinha. Quem vai cuidar de mim? Como é que a minha família, a minha linhagem vai continuar?’ Eu acho tudo isso uma hipocrisia! Eu acho que quem vai cuidar de mim quando eu estiver mais velha é problema meu e não o de um jovem. Se eu estiver sozinha é problema meu. Eu que faça meus amigos, eu que tenha minha vida, que construa minhas coisas e que dê conta disso de alguma forma. Sobre a coisa de continuar a família, isso mexe, mexe muito. Se eu fosse filha única, por exemplo, a minha família acabaria comigo não tendo filhos.” (Marcela)

Confrontando o ponto de vista de Marcela encontra-se o de Ellen, que se queixa de outros tipos de perdas.

“O lado negativo é que talvez fosse uma companhia para eu sair. Porque nem sempre todo mundo está disponível. E isso não quer dizer que ele vá sair comigo também, eu acho que não. Mas poderia ser uma companhia para eu ir ao cinema ou ao mercado, sei lá.” (Ellen)

Para Soraya, a preocupação refere-se à sua continuidade.

“Eu vejo uma coisa vendida para mim que eu ainda não sei se eu comprei: filho significa continuidade, não ter filho significa não ter continuidade. Talvez eu já tenha sentido isso um pouquinho, mas eu não sei se eu posso ter sentido isso como a venda de um pacote político e econômico, como uma forma de viver que me foi dada. Não sei, pode ser.”